

# O fim de um apostolado

Barbosa Lima Sobrinho

**Q**uestão apenas de algumas semanas, andou pelo Brasil, e pela Argentina, o presidente eleito da Venezuela. O sr. Carlos André Perez. Sua linguagem era de quem apelava para os governos visitados, para que tomassem atitude de resistência no pagamento da dívida externa do Terceiro Mundo e, sobretudo, da América Latina. Chegava a parecer com Fidel Castro, o homem forte de Cuba. A dívida exterior da Venezuela já andava nas alturas de 33 bilhões de dólares, e escasseavam recursos para sustentar uma luta demorada. E já não se ignorava que se tratava de uma dívida que não acabava com o pagamento de suas prestações. Bastava considerar que a Venezuela pagara, em dois anos 35 bilhões de dólares, ou seja, 75% da dívida, sem maiores resultados, como nos informa a revista *Veja*.

Um dado a mais para servir de argumento a Eduardo Galeano, no seu livro *As Veias Abertas da América Latina*. Ou para o professor brasileiro Bautista Vidal, quando estuda a evolução *De Estado servil a Nação soberana*. Muito embora a retórica dos que acreditam na existência da independência nacional.

Tive oportunidade de louvar a pregação do presidente eleito da Venezuela, quando passou pela capital brasileira. Não sabia, nem podia prever, que se tratava apenas de um simples eco da campanha, de candidato a presidente havia uma estrada longa, em que se tornam fáceis as conversões, como São Paulo já nos havia demonstrado nos caminhos de Damasco. Nem se precisava de muito tempo. Algumas semanas bastavam, com a redução das reservas em moeda de curso internacional.

Verdade que o sr. André Perez não chegara a obter apoio para o seu apostolado continental. Ficara, afinal, com a impressão de que a Venezuela só encontrara ouvidos moucos. Alguns aplausos de correntes populares, e nenhuma solidariedade efetiva e estimulante, como se estivesse falando a um rebanho de vassalos do capitalismo internacional. Nada de compromissos sérios, ou de adesão segura. Não era difícil chegar à conclusão de que a Venezuela estava sozinha, para enfrentar adversários poderosos.

Tudo isso pode servir de explicação para a conversão do apóstolo, embora não justifique a rapidez com que o presidente da Venezuela correu para o abrigo do Fundo Monetário Internacional, aceitando um programa de *austeridade* que não é mais do que um conjunto de sacrifícios para o povo da Venezuela. Nada menos do que 300 cadáveres, sem falar nos milhares de feridos que resultaram dos choques com as forças armadas, convocadas com a suspensão das garantias constitucionais. Tudo destinado a que, senão ao pagamento da dívida externa daquele país? Nada mais do que o custo de um programa do FMI, diante de um povo vibrante e corajoso. Também o FMI não ignora que os seus planos não levam ao desenvolvimento econômico, senão à depressão, que é sinônimo de miséria e promessa de fome e de sofrimento, com instrumentos para garantir o pagamento de uma dívida externa que está acima da capacidade de pagar da Venezuela. Tudo em proveito de banqueiros que estão cobrando caro os juros dos petrodólares que estavam sobrando nas casas-fortes dos bancos mundiais. Ou de juros flutuantes, estabelecidos em contratos leoninos.

É a fase das Cartas de Intenção, que não passam de um documento de hipocrisia, fornecido por pessoas que as assinam sabendo, de sobra, que não poderão ser cumpridas. O Brasil conhece tudo isso muito bem, pois que assinou não sei quantas Cartas de Intenção inexecutáveis, embora não faltassem ministros que as assinavam, sabendo muito bem que não passariam do papel em que estavam escritas. Como quem jura em falso, sabendo o que está fazendo, sahores, eles próprios, de uma consciência de borracha.

O que pode servir de justificativa para a violência da reação do povo da Venezuela, tanto mais que não faltava, nas Cartas de Intenção, a assinatura do apóstolo, convertido ao poder do Fundo Monetário Internacional. Nada mais do que um daqueles frenesíes a que se referia Eça de Queiroz. O preço dos trezentos cadáveres não deve ter sensibilizado banqueiros à procura de lucros ilimitados. Será que tudo isso poderá valer de advertência?

Verdade que pouco antes desses acontecimentos, ou simultâneo com eles, o Brasil assistia, com uma tranquilidade que faltou ao povo da Venezuela, ao aumento de três bilhões de dólares de sua dívida externa, só com a revisão de um dos itens do contrato. O que, afinal, não era mais do que uma decorrência da contribuição colonial de países que se declararam independentes, e falam em soberania, porque acreditam nas palavras que estão dizendo.

O interessante é que os capitalistas internacionais não se impressionam com o que está ocorrendo por todo o Terceiro Mundo. Ainda lá pouco, numa entrevista obtida por um jornalista, o sr. Elio Gaspari, que ouviu um banqueiro de investimentos dos Estados Unidos, o sr. Henry Breck, encontra-se uma revelação curiosa. O banqueiro está ao corrente de tudo que se está passando no Terceiro Mundo. E lembra que "só nos últimos dois anos, o Terceiro Mundo pagou oitenta bilhões de dólares de sua dívida externa". Uma grande parte desse dinheiro foi para os bancos comerciais, e esse é seu grande triunfo. A dívida, por seu lado, não diminuiu um centavo. "Na minha opinião, ela não vai diminuir nunca", observa o sr. Breck.

"Aliás, continua ele, o de que vocês precisam é não tomar empréstimos. Olhe: dólares emprestados a 11% ao ano, é melhor vocês não quererem. Vivendo com dinheiro a esse preço, nem a IBM gosta." Talvez não seja por causa dos juros, mas da assustadora valorização do dólar, as dívidas se tornam afixiantes. Como pensar, jois, em o Brasil desembolsar cerca de 15 bilhões de dólares, como parece ser agora o total do pagamento a efetivar?

E não faltam brasileiros que vivem a dizer que o Brasil não tem apitais. É o caso de perguntar: como pode, então, exportar 12 ou 15 bilhões de dólares, como pagamento de sua dívida externa? Já se imaginou o que poderia significar essa quantia, aplicada no desenvolvimento econômico do Brasil? Para satisfazer uma dívida que, na opinião de um banqueiro dos Estados Unidos, não vai diminuir nunca? Como quem aplica dinheiro a fundo perdido, renunciando ao desenvolvimento econômico, e abrindo margem ao sofrimento e à miséria do povo brasileiro.